

VERDADE MENOS OCULTA

Livro 113

Reflexões e Aforismos

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



CERTAS PALAVRAS

Tenho a palavra amordaçada, exilada, reduzida à penumbra, a um estado de luto contínuo, desperdiçada em sua originalidade. Fora do contexto, assiste espantada a tanto desuso.



VERDADE MENOS OCULTA

Fazendo-se a verdade menos oculta, ninguém será leiloado. Vale enternecer-se, publicar os princípios, padecer infâmias, saber reagir, repetir o que agrada, distribuir a abundância, promover o perdão. Vale a tentação, a desculpa, a arte, a gula e o apetite, assustar pelo susto, confirmar o medo, opinar o contrário, começar uma briga, mediar a paz, ir até o fim, cessar as causas, pedir e aceitar ajuda. Vale chorar, sofrer o golpe, contradizer dogmas, tocar o espanto, murmurar sem morder, calcular o risco, arriscar, avançar, retroceder, ser inocente, desejar intensamente, vale gozar amando, gozar não amando, gozar sonhando, gozar imaginando. Vale acostumar-se ao agradável para que a vontade valide o exagero.

COMUNICO

Comunico muitas mágoas. Saio de uma e entro em outra, caem as esperanças, descarto castelos, perco todas as saudades. Lembro um céu mais azul e de campos com sementes e de homens que as espalhavam. Lembro-me das despedidas, dos reencontros, dos choros e das alegrias, dos brios e da empolgação, da dor dos espinhos e dos perfumes naturais. Lembro da promessa cumprida e do acolhimento confirmado, da calma protetora e de tudo que era feito pelo prazer de estar.



A ARTE DE ESVAZIAR

Recorro ao juízo crítico que me isenta de palpites, opiniões, de inventar regras que levem o outro a perder. As regras tentam convencer de que é a alienação quem dá as cartas. Uma vez convencido, o todo crê-se incluído, comercializa a instrução e bonifica o falso juramento.

SOBRE UM SOMBRIO FUTURO

Por conta desse cotidiano, não haverá mais aposentadorias tranquilas, nem a imersão nos silêncios, serão automatizadas as ordens, nem os mais lúcidos aceitarão o isolamento sem queixas. Os privilégios da existência sairão mais caros e a escassez abundará. Poderemos dissecar a paciência. Até os encontros mais fúteis terão limites estabelecidos ficando vedada a improvisação e a euforia desmedida. Não serão mais necessárias memórias disponíveis, as lembranças caminharão sós, sem regência e sem contexto. Haverá certezas despossuídas, doçuras singulares, imprevisíveis, aceitadas, a perturbação diversificada entrará minorando importâncias, instalando dispersão de energia e a dissolução nos encontros.

Os afetos caminharão dispersos e confusos, serão diminuídas as fronteiras entre a alegria e o penar, a agonia ensaiará desistências dando sentido à morte, tirando a vontade da vida.

AMEAÇO

Reconheço não ser franco quando ameaço uma partida, durante a qual deixo a âncora. Aos gritos insistentes, espero algum pedido para a permanência. Fico no lugar que posso, o único recurso que ensaio sobre idas e vindas nestas chegadas e saídas.



O AMOR É UMA GLORIOSA RENDIÇÃO

Sáimos do abrigo da infância para o gosto de ser adultos com doces gozos, caprichos negociados, vícios disfarçados, chamando as coisas de boas e más segundo o momento e a conveniência.

Amadurecidos, parece que os anjos nos abandonam, não há mais abrigo para o sonho, desembolsamos as últimas esperanças de forma algumas vezes desesperada, auspiciando milagres, vinganças.

A natureza impõe suas lições, joga-nos nessa corrente que nem sempre leva ao mar, nem sempre alivia as

penas, nem sempre realiza os sonhos desejados.

Nossos desejos se aproveitam do imprevisto para convencer o coração de que o amor pode brotar. Falseamos para sepultar a censura e fingir encanto. Ofuscados no entendimento nos perdemos achando conveniente chegar logo aos nossos propósitos, para não sermos infelizes. Temendo as falhas, nos valemos de estratégias para evitar despedidas e ataques, ofensas, rendições, providenciamos uma despedida que procure ajudar no término nos livrando do esforço de uma mútua rendição. Toda saída se vê dificultada porque nunca é fácil aceitar a desistência.

Abandonados, sem a proteção do amor que infundiu um valor ao viver, lutamos por prazos, ajustamos as tolerâncias, mudamos atitudes, tudo em nome do amor.

Como reter o mínimo para seguir-se vivo? Com que ânimo seguir secada a coragem? Sendo contínuo o padecimento da dor de amor, soma-se a ele a solidão que exílio impõe. A vida quase se acaba quando a pessoa amada leva consigo pedaços nossos que lhe foram ofertados.

Quando o amor se inaugura, parece saber ele o lugar da ressonância, fica extensivo, afasta suspeitas, estimula encantos, ali há um tesouro. Ficamos rendidos sem

ideia do risco, celebramos a novidade, transformando-a em algo acessível, diário e perene. O amor nos deixa gananciosos, inventa proteções que sugerem um lugar sem perigos. Manifesta impunidade, prega uma segurança que depois não dá. Dá a entender que nele não há prejuízo e que todas as contas serão pagas em dia. Diante dessa suposta proteção, relaxamos nossas precauções. Esta coisa de ter cuidados parece não ser muito importante, bastando algumas pequenas evitações externas. Não se percebe que a memória tardia possa ser privada sem destruir o valor do meio, nem o fracasso do fim.

O amor é uma gloriosa rendição que derruba acordos e funda finais.

ESTRANHO SUAVEMENTE

Torno melodiosa a suavidade com que te estranho, dirijo minha melancolia fazendo de conta que ela é natural, como se fosse sucessora do amor vivido, aprendido, antítese do efêmero. Cadências suaves brotam dentro de mim. Faço-me principal convidado da festa à vida que faz menção às memórias, aos acertos, aos encontros, aos devaneios. Tal transita marca os olhos, arranca palavras dos livros, tira a cor das pinturas, depara-se com o belo, se extasia com o inominável que restitui a vontade, o louvor e a procura da história que todas as lembranças guardam.

Devo acostumar-me desde logo às ilusões e desilusões, às esperanças que se cansam diante das reiteradas decepções. A vida segue acalentando tristes dias, meneando letras, novos usos, palavras, críticas favoráveis, alguma literatura, poucos sorrisos, meneios que coincidem com o profundo e o supérfluo, dando sabor à mágoa e à surpresa. Agitado, trato de assuntos alheios, finjo interesse e aceitação, levo a cabo um reconhecimento que me fixa no meu lugar, nos meus interesses.

Enfim só.

VANGUARDA

Tudo o que encerra a vida guarda o passado fresco, reafirma o presente e retarda o futuro para não se perder na pressa. Decreto greve aos relógios, seguro os ponteiros para que se congelem os olhos que olham fundo e suavemente para o melhor. Procuo um olhar alegre, lançador de alegrias, busco algum olho próprio e adequado para repousar e aterrissar suavemente, criativo, forte, desafiador e definitivamente amoroso. Busco amenidades que socializem em mim uma rede de confianças e afirmações. Que sejam um golpe contra a traição, que definitivamente confirmem que é possível confiar. A ética e o desejo não estão à venda. Busco a delicadeza com que o amor expressa a bondade coletivizada.

CONHEÇO CAPRICHOS

Conheço os caprichos de quem despreza, capaz de inquirir, busco fontes para servir por extensão. Já automatizei meus gestos pensando encobrir meus atos, tornei-me semelhante ao autômato que me copia. Busco minhas fontes entre cedros e trigos ancestrais sem poder responder à idade do pai eterno. Agora que me acho descoberto e sem defesa, me aventuro na certeza de que posso nutrir meus sonhos para ir alimentando verdades que só eu sei onde se escondem.

Agora sei que posso nutrir e ir durando sem me submeter a nenhum mando. Tenho um bem estar cada vez que confirmo não precisar vergar. Habituei-me a minha natureza, verto como as águas dos rios, subsidiado por uma cega confiança que me faz notar somente o que me interessa. Promovo tímida seleção, novas alegrias, dou as costas àqueles que, distraídos, desviam o destino, evitando a vida real.

ÁVIDO PELA VIDA

A vida sempre me apeteceu como um pedaço de pão ou um figo que desprende a gota do mel que o compõe. As emoções me saem pelos poros espontaneamente, sou capaz de despertar com a poesia na boca e dormir com todos os acordes dos adágios da vida.



SOLIDÃO ACOMPANHADA

Minhas amnésias estão cheias de recordações, minha solidão está acompanhada dos que me amaram, as imagens que guardo de meu passado sobram para preencher meu presente e meu futuro. O tempo não apaga o que quero recordar, eu é que me esqueço.

MEUS PASSOS

Meus passos mais curtos aumentam meu andar, ainda que minhas pernas já não repitam sua competência de outrora. Elas já me levaram a muitos lugares, a encontros, me afastaram de muita gente e me permitiram o atrevimento de pensar haver deixado de ser animal porque algum dia fiquei de pé.



EFÊMERAS FELICIDADES

A impossibilidade do convívio ensina-me subprodutos do viver, constrói supérfluas e efêmeras felicidades, convencendo-me de que algo da vida nasceu formado e não depende nem espera as mudanças que proponho. Muitos dos perdidos não fui eu quem os perdeu, nos desencontramos por aí, sem dar-nos conta dos caminhos divergentes, cada um pelo seu, seguindo sua viagem com um caminhar que alarga a demora e atrasa reencontros. Avanço por antigas direções, recorro a essa opção, que não me prepara surpresas.

MINHA ÚNICA VIDA 1336

Seja algum riso, oh! minha esperança, seja uma armadura contra meu infinito desconsolo que se ajusta ao tamanho de minha infinita necessidade. Enquanto o tempo segue e passa sem ver as sendas que me convidam a caminhar, entra, oh! esperança, pelo meu presente, ilumina a minha vida, a única que tenho.



CÁLIDO ABRIGO

Retomo-me depois de longo tempo, sem enunciar. Desconcerto-me diante de certas presenças porque me acostumei a pensar só no que me renova. Iludido como criança feliz, vez por outra me reencontro, exaltando os ânimos quando meus conhecidos medos me permitem. Faça-me hóspede de mim mesmo, me acolho e me nino sem tomar conhecimento das disposições de amar, dos refúgios, da falta de presenças. Cada dia me redescubro mais desprevenido, tentando

confirmar alguma presença. Entre mim e o mundo quase que diariamente acontece uma transição entre ilusão e decepção. Retomo meus sonhos, um novo apaga descrenças, devolve-me uma fantasia calidamente passageira; ela guarda consigo o agasalho de que tanto necessito.



RECUSA

Acautelome dos amores efêmeros, sejam eles ligados a mim ou não. Mas tolero sua inevitável presença, utilizo seus proveitos. Neles há vestígios de juventude apressada, de interpretações ingênuas, tal o afã de domínio e posse.

Decifro a vontade original para chegar a entender as versões, ainda que reste muito por saber. .

SINCERA ALMA

Minha alma decidiu reunir todas as minhas partes. Como um livro de páginas arrancadas, a memória excluída diria algo de mim que não quero ouvir. Minha alma insiste em ser meu espelho, ainda sem glória, ela acaba com todos meus cálculos mentais enquanto penso se devo seguir oferecendo-lhe resistência.



DESPEDIDA

Com o gesto congelado, aquele que parecia ser o último antes daquela que seria a última despedida. Pisoteado por um rebanho de emoções descabidas para o momento, soavam como senhas reveladas já que a descontinuidade tomaria conta daqueles encontros, até então, sigilosos. Não alcançou ouvir uma voz que parecia uma sombra, rogando-lhe para ficar. Desta vez as coisas se desenvolveram de outra forma, não haveria nada que apaziguasse o coração ausente

de esperanças. Fingiu não haver ouvido aquela voz que pedia um pouco de amor e atenção, se existiria alguma possibilidade de salvar aquele amor. Restou um contrariado adeus, rompendo o silêncio alcançou sussurrar: Quem se outorga o direito de pôr fim a um grande amor? O fim, é quando ele acaba, concluiu em lágrimas. Então partiu sem prometer nada.



Roberto Curi Hallal

